

## Comemorar Abril é cumpri-lo

Em numerosos aspectos sociais e de justiça, assiste-se no país a situações de retrocesso. Esta maioria absoluta tem sido uma desilusão. Todos os dias se agravam problemas, se adiam soluções, se constataam atrasos e a falta de respostas a muitos problemas.

Os lucros brutais obtidos pela banca, grandes empresas e multinacionais contrastam com os baixos salários. Agravam-se assim as injustiças. São muitas as pessoas a viver pior. O país está mais desigual.

Para quem, ilusoriamente, se deixou levar pela pressão, pela mentira e até pela manipulação deslocando o seu voto para

esta maioria, é natural a frustração e o reconhecimento do erro.

Ao agravamento das condições de vida juntam-se agora folhetins, motivados, em parte, pelos repetidos «casos» que envolvem membros do governo, onde muita da comunicação social diariamente se alimenta.

Todo esse desgaste apenas serve os projectos retrógrados e reacionários da direita e da extrema-direita, e todo o ambiente em que agora se concentram, olhando sondagens, somando votos, procurando o desenrolar da crise e esperando ansiosamente a possibilidade de chegar ao governo.

Em contraste com esta situação e este rumo, têm-se levantado as esperanças de Abril nas numerosas lutas realizadas em diferentes sectores profissionais e das populações, desenvolvidas por sindicatos, por movimentos de jovens trabalhadores e jovens estudantes, de cidadãos pela paz, antirracistas e de solidariedade com o povo da Palestina e outros povos.

Foram muitas as acções conjuntas contra o aumento do custo de vida, em defesa do Serviço Nacional de Saúde, contra a guerra e pela paz, e ainda a prolongada luta dos professores, que o governo teima em não resolver, pelos seus direitos.

Os associados da URAP têm participado em quase todos estes actos públicos, bem como nas celebrações do 25 de Abril e do 1.º de Maio em numerosas cidades do país. Integraram ou organizaram desfiles e promoveram muitas sessões realizadas nas escolas dos diferentes ciclos de ensino.

A URAP levou a cabo, ainda no dia 1 de Abril, em Aveiro, uma grande sessão comemorativa dos 50 anos do III Congresso da Oposição Democrática; no passado dia 17, celebrou o 47º aniversário; e, dia 27, realizou a Assembleia-geral, onde foram eleitos os órgãos sociais para o próximo biénio. De tudo isto, e muito mais, nos dá conta este Boletim.

*José Pedro Soares*



**50 ANOS DO III CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA**  
Convocados pela URAP, milhares de pessoas manifestaram-se pelas ruas de Aveiro, a 1 de Abril, para lembrar o III Congresso da Oposição Democrática realizado naquela cidade em 1973 e que constituiu um momento alto da convergência e da luta antifascistas. - Págs. 4 e 5

**ASSEMBLEIA GERAL DA URAP APONTA AO FUTURO**  
- Págs. 12 e 13

**ABRIL VIVO! VIBRANTES COMEMORAÇÕES  
EM TODO O PAÍS** - Págs. 6 a 9

## Núcleo do Seixal ORGANIZA ALMOÇO ANUAL



O Almoço da Primavera, uma tradição do núcleo da URAP do Seixal, regressou a este concelho no passado dia 19 de Março, juntando cerca de 50 pessoas. Contou com a presença do vice-presidente da Assembleia Municipal do Seixal, Américo Costa.

O núcleo da URAP fez, no Clube Recreativo da Cruz de Pau, um balanço das actividades da organização, destacando

o trabalho realizado nas escolas. Foi ainda salientado o protocolo assinado recentemente com a Câmara Municipal do Seixal.

No final do almoço, interrompido desde 2020 devido à pandemia da Covid-19, o grupo musical Amigos de Abril apresentou um espectáculo de poesia revolucionária e canções populares.



Na Figueira da Foz, amigos da URAP constituíram um núcleo organizado por uma comissão instaladora a que pertencem Jorge Neves, Nazaré Teixeira Melo e Jorge Dias, militar de Abril. Estes democratas

promoveram um jantar comemorativo dos 49 anos do 25 de Abril, na noite de 24 de Abril, no velho Café Nau, local onde se reuniam os antifascistas figueirenses.

## Peniche: 50 ANOS/50 HISTÓRIAS

A URAP está a participar num projecto, denominado 50 anos/50 histórias, que envolve a rádio 102FM, o Museu Nacional Resistência e Liberdade, a Câmara Municipal de Peniche, e o apoio da Mútua dos Pescadores, visando integrá-lo nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril.

O projecto, que tem como objectivo, durante 50 semanas, entre Maio de 2023 e Abril de 2024, emitir um testemunho semanal sobre o dia 25 de Abril de 1974, pela 102FM, após a recolha/gravação, em áudio e em vídeo, de depoimentos/testemunhos, na primeira pessoa, de, nomeadamente, naturais ou residentes, em Peniche, relatando as suas vivências neste período.

## MEMÓRIAS FUNDAMENTAIS PARA AS LUTAS DE HOJE



A URAP evocou a acção da **Associação Feminina Portuguesa para a Paz (AFPP)** e do **Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas**, nas décadas 40 e 50 do século passado, numa sessão que decorreu dia 25 de Março, no Porto, com a participação de Manuela Espírito Santo, investigadora e escritora, que sublinhou a intervenção progressista de mulheres desde a República.

Em nome da URAP falou Teresa Lopes, da direcção, e intervieram também na sessão Maria José Ribeiro e Avelino Gonçalves. Foi ainda projectado um filme de homenagem a Irene Castro, uma das maiores activistas da AFPP no Porto.

O **assassinato de Mariana Torres e António Mendes**, jovens trabalhadores conserveiros, a 13 de Março de 1911, numa manifestação de rua em luta por aumento de salários foi assinalado pela União dos Sindicatos de Setúbal com o apoio da URAP, em Setúbal.

Em resposta à acção criminosa por parte das forças policiais, os trabalhadores da Região de Lisboa e Alentejo convocam a primeira greve geral em Portugal, que se realizou a 20 de Março de 1911. Dezenas de milhares de trabalhadores abandonam os postos de trabalho em solidariedade com os operários de Setúbal.



# URAP

**URAP**

Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**  
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**  
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
**RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •  
TELEFONE 213 576 083  
DEPOSITO LEGAL: 357338/18**

## «DEMOCRACIA SIM, FASCISMO NUNCA MAIS» foi o lema da celebração dos 47 anos da URAP



O 47.º aniversário da URAP foi festejado com um almoço, seguido de um momento político e cultural, dia 13 de Maio, na Casa do Alentejo, em Lisboa, onde compareceram cerca de 200 pessoas, subordinado ao tema «Democracia sim, Fascismo Nunca Mais».

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, fez um balanço da actividade desde a sua formação por muitos ex-membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e vários tarrafalistas, no mesmo ano em que foi aprovada a Constituição da República Portuguesa. Enumerou as iniciativas levadas a cabo este ano, com especial destaque para as sessões nas

escolas e as comemorações dos 50 anos do III Congresso de Aveiro.

José Pedro Soares falou ainda da situação política nacional e no mundo e apelou a que se continue a luta «porque é necessária na situação em que vivemos, com o crescimento de forças fascistas».

A sessão foi apresentada por Ana Pato, do Conselho Directivo, que questionou «para quê criar em 1976 uma organização antifascista, uma vez acabado de derrubar o regime fascista em Portugal, uma vez conquistada a democracia?» Para logo responder que «os dias de hoje dão uma cabal resposta positiva a essa questão e demonstram o acerto de tal decisão».

«Democracia é a liberdade de expressar livremente o pensamento, mas é também a liberdade de agir, a liberdade de organização, o direito ao trabalho com direitos e a um salário digno, o direito a ter comida na mesa, o direito a poder ter cuidados de saúde, o direito a ter uma casa, o direito a ter tempo, tempo para criar os filhos, tempo para a cultura e para praticar desporto», afirmou, pondo em causa que isso esteja a acontecer em Portugal.

Para encerrar houve um momento musical e de poesia com Ruben Martins, Isilda Maria Andrade, Júlio Mesquita, Simon Frankel e o Grupo Valu.



Na manifestação do 1.º de Maio, organizada pela CGTP-IN, com milhares de pessoas, do Martim Moniz à Alameda D. Afonso Henriques, amigos da URAP empunharam faixas e bandeiras. Na Alameda havia um stand da URAP para venda de livros e outros materiais.



A URAP participou na Marcha pelo Direito à Saúde, promovida no dia 20 de Maio por sindicatos do sector e comissões de utentes. A Marcha teve expressão em três cidades - Lisboa, Porto e Coimbra - para onde confluíram trabalhadores e utentes de todas as regiões do País.

# 50.º aniversário do III Congresso da Oposição Democrática

1 de Abril de 2023 foi dia de festa em Aveiro. Festa de democracia, festa de comemoração, festa de luta, festa de combate, festa de esperança, festa de liberdade.

Milhares de pessoas estiveram nas ruas da cidade e muitas centenas numa sessão no Centro de Congressos convocadas pela URAP para lembrar o III Congresso da Oposição Democrática, que entre 4 a 8 de Abril de 1973 se realizou em Aveiro.

Cinquenta anos depois, assinalou-se esse marco histórico do combate ao fascismo que foi, no dizer da mensagem de António Neto Brandão, o único sobrevivente da Comissão Executiva do Congresso, «uma verdadeira machadada na anquilosada estrutura do regime fascista, abrindo caminho para o 25 de Abril de 1974».

O desfile que se seguiu à sessão, desde o Centro de Congressos até ao cemitério, que segundo o coordenador da URAP é «a romagem que há 50 anos o fascismo impediu e reprimiu», foi integrado por milhares de pessoas, entre as quais se destacava a juventude, empunhando bandeiras da URAP e algumas faixas dos muitos núcleos presentes.

Os manifestantes entoavam palavras de ordem combativas e ao mesmo tempo cheias



de futuro e juventude e já no cemitério usou da palavra o coordenador da URAP, José Pedro Soares, que afirmou estarem ali para «deixar os nossos cravos a companheiros e amigos que queremos lembrar. Os cravos vermelhos que alguns deles já não tiveram a oportunidade de ver nas mãos do povo e nos canos das espingardas dos jovens militares que, num acto de bravura tomaram a iniciativa militar, corresponderam ao sentimento popular de pôr fim ao regime opressor».

A reunião foi presidida por Vítor Dias, um dos congressistas em 1973 e do Conselho Nacional da URAP, e na mesa estavam Alberto Arons de Carvalho,

jornalista, professor e congressista em 1973; Ana Sofia Ferreira, historiadora, professora na Faculdade de Letras do Porto; Carla Sousa, jovem trabalhadora e sindicalista; Jaime Machado, do Conselho Nacional da URAP e do núcleo de Aveiro; José Pedro Soares, coordenador da URAP e ex-presos político; e o Comandante Simões Teles, Militar de Abril.

O livro «A Caminho do 25 de Abril», que evoca o III Congresso, constituído essencialmente por dezenas de testemunhos de participantes no congresso, foi lançado na cerimónia.



**Vítor Dias:** O III Congresso da Oposição Democrática «constituiu uma poderosa jornada de luta antifascista, uma valiosa realização unitária do movimento democrático e um assinalável contributo para o enfraquecimento da ditadura fascista e subsequente conquista da liberdade(...)»

**José Pedro Soares:** Saudamos os militares de Abril, alguns dos quais estiveram clandestinamente no Congresso, «pela lucidez, pelo risco que correram e pela coragem demonstrada (...) Aqui lhes prestamos também a nossa reconhecida e eterna homenagem.»

**Carla Sousa:** «Analisando as Conclusões do Congresso, volvidos 50 anos [é lamentável que], algumas reivindicações do presente tenham ainda contornos tão semelhantes», tais como o pleno direito à saúde e à educação.

**Alberto Arons de Carvalho:** «É bom que a memória nunca se apague! (...) Estiveram em Aveiro milhares de democratas e antifascistas, representativos de diversas correntes políticas e ideológicas, unidos pelo objectivo de combater e derrubar o regime.»

**Ana Sofia Ferreira:** «Aveiro era uma cidade com tradições democráticas e liberais, conhecida durante muitos anos como “berço da liberdade”, por ter sido palco da Revolução de 1828, marcada por figuras como José Estêvão, combatente do Cerco do Porto e brilhante parlamentar e Mário Sacramento, médico e escritor, militante comunista, figura destacada da resistência.»

**Mário Simões Teles:** «A prova real [do carácter revolucionário do Congresso] é, primeiro, o Programa do Movimento das Forças Armadas ter colhido a inspiração nas principais teses aprovadas no Congresso e, segundo, a Constituição de Abril ser sua parente directa.»

**António Neto Brandão:** «No momento em que celebramos esta data, justo é recordar o papel relevante que eles [os organizadores] tiveram no seu arranque e consolidação, especialmente Álvaro de Seça Neves, quando, já corroído por terrível doença, liderava com entusiasmo incedível os trabalhos preparatórios (...)».

(mensagem lida por Jaime Machado, do Conselho Nacional da URAP)

## Espectáculo «A Cor da Liberdade»

O espectáculo «A Cor da Liberdade», promovido pelo núcleo de Aveiro da URAP, realizou-se a 16 de Abril no Teatro Aveirense, integrado nas comemorações dos 50 anos do Congresso de Aveiro.

Contou com a participação da Banda Amizade, de Aveiro, que, acompanhada por um coro de mais de 100 elementos, interpretou nove canções heróicas de Lopes Graça. O coro era formado por elementos de quatro corais de Aveiro e um coral de Ílhavo, a saber: Coral Polifónico de Aveiro, Coral Vera Cruz, Voz Nua, Coro de Santa Joana e Orfeão da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo.

Ainda na rua, junto à entrada do Teatro Aveirense e depois no foyer, os bailarinos da GEMDA – Escola de Dança



de Aveiro, que também participaram, exibiram bailados que recriavam as movimentações vividas na carga policial que se abateu sobre os congressistas que há 50 anos desfilavam em romagem à campa de Mário Sacramento.

Por seu lado, os actores do CETA - Círculo Experimental de Teatro de Aveiro declamaram poemas de Jorge de Sena.



«A Cor da Liberdade» ofereceu depois mais um momento musical, com a participação dos cantores Rui Oliveira e Dino D’Santiago. No final, subiu ao palco um coro infantil formado por crianças do Coral Infantil Voz Nua e da Banda Amizade, que interpretaram as «Galinhas do Mato», de José Afonso.

## Livro apresentado no Aljube

O livro «A Caminho do 25 de Abril. 50 Anos. III Congresso da Oposição Democrática. Aveiro Abril 1973» foi apresentado em Lisboa, dia 4 de Abril, no Museu do Aljube, Resistência e Liberdade, numa sessão aberta por Rita Rato, directora do museu.

Vítor Dias fez uma dissertação sobre o conteúdo da obra e defendeu, como conclusão a tirar para a actualidade, que vale a pena ter ideais e lutar por eles.

Alberto Arons de Carvalho considerou que a unidade das várias correntes políticas representadas no congresso foi de primordial importância, bem como o número de pessoas que nele participaram.

Helena Neves falou das lutas que antecederam o Congresso, nomeadamente



a luta estudantil de 1969, para além das lutas laborais e sindicais, e a importância do papel das colectividades de cultura e recreio, cineclubes, cooperativas populares, as lutas das mulheres, o trabalho desenvolvido nos bairros degradados, onde ela própria participou.

O Comandante Simões Teles realçou a importância das Teses e Conclusões do III Congresso para o Programa do MFA, e afirmou que os militares que estiveram presentes em Aveiro foram já fruto de decisões colectivas do Movimento das Forças Armadas.



Durante a sessão, houve uma conclusão comum a todos os intervenientes: o III Congresso, antecedido de muitas lutas, demonstrou, até a nível internacional, que a oposição ao fascismo sabia o que queria e tinha condições para dirigir o país.

Esta novidade editorial da URAP é constituída essencialmente por diversos fac-símiles, fotografias e 60 testemunhos de intervenientes no III Congresso da Oposição Democrática, que decorreu de 4 a 8 de Abril de 1973, no Cine -Teatro Avenida, em Aveiro, com a participação de 4000 antifascistas.

## As teses de Setúbal

O núcleo da URAP de Setúbal realizou uma sessão, dia 15 de Abril, no Museu do Trabalho Michel Giacometti (Centro de Memórias), sobre as Teses do Movimento Democrático do Distrito de Setúbal, apresentadas no Congresso em Aveiro. A sessão teve a participação de cerca de 30 pessoas e contou com Adriano Encarnação e João Manuel Neves, ambos do Conselho Nacional da URAP, e José Teodósio, como oradores.



# *O povo saiu à rua: FORAM MUITOS, MUITOS MIL PARA COMEMORAR ABRIL*



A 25 de Abril de 2023 o povo saiu à rua. Milhares de pessoas festejaram o 49.º aniversário da Revolução de Abril nas ruas, em desfiles e concentrações, em almoços, convívios e espectáculos por todo o país.

Respondendo ao apelo da URAP e de outras organizações e movimentos, de variadas áreas de intervenção, a população, e sobretudo os jovens, mostraram que não querem o regresso ao passado.

«25 de Abril, sempre. Fascismo nunca mais!», foi o lema mais usado por todos e cada um dos presentes.

Em **Lisboa**, a URAP desceu a Avenida da Liberdade, com vários panos alusivos, numa das maiores manifestações de sempre. A participação da URAP ficou marcada pela presença de vários núcleos, designadamente da Margem Sul: Almada, Palmela/Pinhal Novo, Moita e Seixal.

No **Porto**, a URAP desceu a Avenida dos Aliados, saindo da Rua do Heroísmo, junto ao Museu Militar, onde homenageou os resistentes antifascistas. De manhã fez uma visita guiada ao museu onde decorreu a apresentação da segunda fase do projecto da URAP «Do Heroísmo à Firmeza - o percurso na memória da casa da PIDE no Porto». Maria José Ribeiro,

do Conselho Nacional da URAP, presa por três vezes naquele edifício, falou aos presentes, bem como o arquitecto Mário Mesquita, autor do projecto.

Em **Vila Franca de Xira**, o núcleo da URAP promoveu, na manhã de dia 25 de Abril, um desfile comemorativo dos 49 anos do 25 de Abril, que contou com a presença do Movimento Associativo, de IPSS, de agrupamentos de escolas, do movimento sindical, dos movimentos de utentes do concelho, do movimento «os Mesmos de Sempre a Pagar», do «Movimento Porta a Porta», de crianças e jovens e de muitos outros democratas.



Coimbra



Almada



Vila Franca de Xira



Montemor-o-Novo



Setúbal

Em **Coimbra**, milhares de pessoas participaram na manifestação popular. O núcleo de Coimbra da URAP foi uma das 63 organizações e colectividades que subscreveram o apelo à participação na manifestação e nas iniciativas do programa de comemoração dos 49 anos do 25 de Abril.

Em **Almada**, na manhã de dia 25, o núcleo da URAP integrou o desfile até à Praça do Movimento das Forças Armadas, onde Mário Araújo, do Conselho Nacional, e Fátima Laginha, do Núcleo de Almada, depositaram uma coroa de flores da URAP no monumento Aos Perseguidos. O desfile foi antecedido por

uma sessão solene na Praça da Liberdade. À tarde participou no desfile da Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Em **Montemor-o-Novo**, a URAP realizou as comemorações do 25 de Abril com uma concentração junto ao Monumento dos Resistentes Antifascistas do Alentejo. Após a meia-noite participou numa Arruada, que desfilou pelo centro histórico da cidade. Foram colocados cravos em memória dos antifascistas assassinados Germano Vidigal e José Adelino dos Santos.

No **Pinhal Novo**, a URAP depositou uma coroa de flores junto ao Monumento ao 25 de Abril, durante a

manhã, seguindo-se uma sessão solene na Biblioteca Municipal de Palmela. Há também uma exposição patente na Praça da Independência.

Em **Setúbal**, o núcleo da URAP organizou, dia 24, um jantar comemorativo do 25 de Abril. Na manhã de 25, as comemorações centraram-se numa homenagem aos antifascistas com deposição de flores junto ao Monumento à Resistência, e numa sessão solene da Assembleia Municipal, no Fórum Municipal Luísa Todi.

Também na **Figueira da Foz** se realizou um jantar comemorativo (ver página 2).



## ***URAP organiza visita guiada em Palmela e Aires***

A URAP, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela, organizou, dia 20 de Abril, uma visita guiada a casas e locais clandestinos na Vila de Palmela e em Aires, uma área residencial perto da estação ferroviária de Palmela. O grupo foi conduzido por Adilo Costa, do Conselho Nacional.



## ***Exposição da URAP patente na Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço***

José Pedro Soares, coordenador da URAP, e José Alberto Quintino, presidente da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, inauguraram a exposição «O antes da Revolução, a Revolução e o pós Revolução», dia 22 de Abril, na Galeria Municipal, que ficará patente até dia 5 de Maio.

O município de Sobral de Monte Agraço, em conjunto com as Juntas de Freguesia e as associações do concelho, assinalaram o 49.º Aniversário do 25 de Abril, entre 17 de Abril e 1 de Maio, com um programa que incluiu uma sessão solene, momentos musicais, exposições, desporto, fogo de artifício, actividades para o público infantil e inúmeras iniciativas para o público escolar.



## ***«Quanto custou a liberdade»***

### ***– uma sessão do Núcleo da URAP do Montijo***

O Núcleo da URAP do Montijo organizou uma sessão pública sob o lema «Quanto Custou a Liberdade», dia 25 de Março, nas instalações da Assembleia Municipal, para a qual convidou os resistentes antifascistas e ex-presos políticos Domingos Abrantes e Conceição Matos, que falaram sobre o tempo do fascismo, relatando as suas vivências, e a Revolução de Abril.



## ***URAP participa na homenagem ao capitão de Abril Diamantino Gertrudes da Silva, no Alvite***

No âmbito das comemorações do 49.º aniversário da libertação dos presos políticos das cadeias de Peniche e de Caxias, o núcleo de Viseu-Santa Comba Dão organizou, dia 27 de Abril, uma cerimónia de homenagem, na vila de Alvite, concelho de Moimenta da Beira, ao capitão de Abril Diamantino Gertrudes da Silva (1943-2018), comandante do Grupo Insurreccional da Região Militar do Centro, com a missão de assegurar a libertação dos presos do Forte de Peniche e a sua salvaguarda física, antes de marchar sobre Lisboa a 25 de Abril de 1974.



## ***URAP de Mafra homenageia ex-presos políticos***

Eugénio Ruivo, do núcleo de Mafra da URAP, homenageou «todos os que aqui no concelho de Mafra foram presos pelas diferentes polícias políticas da ditadura fascista», na cerimónia evocativa do 49.º Aniversário do 25 de Abril naquela vila.

Segundo investigação junto da Torre do Tombo, foram assinaladas as prisões de 180 homens e mulheres, naturais, residentes e estrangeiros no concelho de Mafra.



## ***«49 anos| 49 poemas» ditos em Almada para comemorar Abril***

Uma parceria entre a URAP, a Academia Almadense (AIRFA), o Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) organizou duas sessões de poesia «49 anos| 49 poemas», dia 20 de Abril, na Academia Almadense. Os 49 poemas - tantos quantos os anos da Revolução de Abril - foram ditos pelos participantes, entre os quais a actriz Joana Figueira.

## ***Exposição sobre presos políticos na freguesia de Brasfemes***

A freguesia de Brasfemes, Coimbra, inaugurou a exposição da URAP «Presos Políticos do Estado Novo da Freguesia de Brasfemes», dia 25 de Abril, na Associação Cultural Vilarinho, integrada no projecto «É preciso que saibas».

# «OU TODOS OU NENHUM», exigiram os presos políticos para serem libertados a 27 de Abril de 1974



Caxias



Peniche

O 49.º aniversário da libertação dos presos políticos foi assinalado, dia 27 de Abril, em Caxias e Peniche, em cerimónias organizadas pela URAP, nas quais participaram muitas pessoas, algumas das quais os próprios ex-presos políticos. Actuaram, nas duas evocações, os músicos Sofia Lisboa, Rui Galveias e Fernanda Lopes.

Em Caxias, a concentração decorreu da parte da manhã junto à peça escultórica evocativa da libertação dos presos políticos, monumento aos «Libertadores e Libertados», nas imediações da Estação da CP, e em Peniche, no Museu Nacional da Resistência e Liberdade, dentro da Fortaleza.

A cerimónia de Caxias foi apresentada por Esperança Martins, que agradeceu à Câmara Municipal de Oeiras, ao núcleo da linha de Cascais da Associação 25 de Abril e aos ex-presos políticos, e afirmou que a URAP não é apenas uma organização dos que lutaram no passado contra o fascismo, mas também das novas gerações que lutam no presente.

Depois de uma breve intervenção de José Pedro Soares, coordenador da URAP e ex-presos políticos, Eduardo Baptista, ex-presos em Caxias, em 1973, e membro da URAP, proferiu a intervenção de fundo, lembrando que «o Forte de Caxias foi a

prisão por onde passaram mais mulheres e também celebrizada pela fuga de um grupo de prisioneiros comunistas num carro blindado de Salazar que fora oferecido por Hitler».

Contou como, a 26 de Abril de 1974, o General Spínola se tinha manifestado contra a libertação de alguns presos, e que foi a pressão do movimento dos capitães e dos milhares de civis que se encontravam à porta do forte que exigiu a libertação de todos os presos, ao mesmo tempo que no interior da cadeia os presos afirmavam, num gesto de solidariedade, «ou todos ou nenhum», o que veio a acontecer.

Eduardo Baptista afirmou que «a um ano das comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril, temos de fazer dessas comemorações mais uma luta para que a Democracia e a Liberdade, valores que custaram muito a conquistar, continuem a ser defendidos».

## Tempo de coragem

À tarde, em Peniche, José Monteiro, do núcleo de Peniche, presidiu à cerimónia comemorativa, intercalando as intervenções com actuações musicais, mencionando a importância da mobilização da população na libertação dos presos, bem como a acção dos militares,

no dia 27 de Abril de 1974, referindo-se em seguida à grande festa prevista para inauguração do Museu Nacional da Resistência e Liberdade, na fortaleza de Peniche, em 2024.

A directora do museu, Aida Rechená, usou da palavra dizendo ser um privilégio ocupar o cargo pela importância do seu projecto e da sua missão - levar ao país e ao estrangeiro as memórias dos ex-presos -, acrescentando que interessa valorizar os presos, mas também todos os que resistiram à ditadura e que o trabalho dos resistentes antifascistas está virado para o futuro.

O orador principal, José Ernesto Cartaxo, recordou que a «libertação dos presos políticos, na sequência da madrugada libertadora do 25 de Abril de 1974, foi na verdade uma grande conquista e também uma das condições fundamentais para o rumo vitorioso da Revolução de Abril. (...) Este lugar, estas paredes, todo este espaço, que é hoje o Museu Nacional Resistência e Liberdade, guarda memórias sofridas de um tempo que exigiu coragem, entrega, valentia, e foram exemplos que o regime democrático deve preservar e que o tempo exige que não sejam esquecidos, mas sim registados e lembrados para memória futura».

# Para comemorar Abril, URAP CONVERSOU COM 12 MIL JOVENS DAS ESCOLAS DO PAÍS



Observem estes números: 12 mil alunos; 550 professores; 150 oradores, dos quais 50 ex-presos políticos; 21 concelhos do continente, abrangendo nove distritos de norte a sul; 300 sessões em 82 escolas do 1.º, 2.º e 3.º ciclos, secundário, ensino superior, universidades seniores e educação de adultos em escolas dos estabelecimentos prisionais de Santa Cruz do Bispo e Custóias.

Estes são os dados, ainda que incompletos, do trabalho da URAP nas escolas entre Fevereiro e Maio de 2023, tendo por pano de fundo as comemorações do 49.º aniversário da Revolução de Abril.

Entre as actividades que a URAP desempenha encontra-se a defesa dos ideais do 25 de Abril e da democracia. Para promover os ideais democráticos e antifascistas, um lugar maior está destinado ao contacto com as novas gerações que são o presente e o futuro do país.

Para contribuir para a formação cívica dos jovens, para a conservação da história e memória da resistência, da luta dos portugueses contra a opressão fascista, pela liberdade e a democracia, a URAP estabeleceu parcerias com diferentes

instituições como escolas e agrupamentos escolares, externatos, universidades e associações de alunos, associações de pais, politécnicos, universidades seniores, escolas de estabelecimentos prisionais, e também Câmaras Municipais, Uniões de Juntas e Juntas de Freguesia, Museu Nacional Resistência e Liberdade, Associação Património-Peniche, estruturas sindicais, entre outras.

Entre os temas abordados nas sessões, destacamos: «Peniche-Terra da Resistência e Liberdade», em Peniche; «Celebrar o 25 de Abril nas escolas», «O que custou a liberdade – os desafios do presente» e «Mulheres e Democracia», em Almada; «Guerra Colonial, Democracia e Liberdade», no Seixal; «Elas também estiveram nas prisões do fascismo», em Almada e Seixal; «A ditadura fascista e a chegada do 25 de Abril, as prisões e os presos políticos», em Beja; «Museu Visita a Escola - aula sobre 25 de Abril», em Loures; «Diálogos com História», em Sobral de Monte Agraço.

Esta ampla abordagem provocou nos alunos muitas perguntas e contributos em vários temas, nomeadamente, ditadura, liberdade, Ponte Salazar vs. Ponte 25 de Abril, como eram as escolas no passado,

fascismo, Salazar, pobreza, PIDE, guerra, paz, guerra colonial, Revolução dos Cravos, V da vitória, conquistas do 25 de Abril. E ainda: como foi a prisão? Como foram as torturas? A emigração era proibida? Se era necessário a polícia ter provas para prender as pessoas? Se alguma vez pensaram em desistir da luta? Que diferença há entre os jovens desse tempo e os jovens de hoje?

Nas sessões nas escolas, muitas vezes acompanhadas por trabalhos dos alunos sobre o tema, leram-se poemas, contaram-se histórias de pais e avós, cantou-se a «Gaivota», de Ermelinda Duarte, e «Grândola, Vila Morena», de Zeca Afonso. Realizou-se ainda um «cordão humano pela liberdade», houve teatro, exposições de artes plásticas, concursos literários, oferta de livros da URAP para dezenas de bibliotecas escolares.

Vasto é o território onde a URAP actua, mas ao olharmos para o resultado da actividade junto da juventude durante estes quatro meses, temos a certeza que vai continuar, redobrando de intensidade e entusiasmo, a pensar no ano 2024, em que se comemoram os 50 anos de Abril.

# *Livros da colecção «PÁGINAS DE MEMÓRIA» apresentados por todo o país*

Os livros da colecção «Páginas de Memória» continuam a ser apresentados por todo o país em sessões organizadas pelos núcleos da URAP, para as quais convidam ex-presos políticos e dirigentes da organização. O seu conteúdo tem sido dado a conhecer aos jovens estudantes e à população em geral e é um contributo da URAP para a divulgação do tempo do fascismo, dos presos e das prisões durante a ditadura. Para que a memória não se apague!

O livro «**A Caminho do 25 de Abril. 50 Anos. III Congresso da Oposição Democrática. Aveiro Abril 1973**», lançado dia 1 de Abril, é a novidade editorial da URAP, que contém 70 testemunhos de intervenientes no congresso, que decorreu de 4 a 8 de Abril de 1973, no Cine-Teatro Avenida, em Aveiro, com a participação de 4.000 antifascistas. O livro foi lançado nessa ocasião e apresentado mais tarde em Lisboa, no Museu do Aljube (ver páginas 4 e 5). Outras sessões de apresentação ocorreram no dia 19 de Abril, na Biblioteca da Vidigueira, dia 19 de Abril, com José Pedro Soares e o presidente da Câmara Municipal, Rui Raposo, e a 22 do mesmo mês, no Auditório Municipal de Torres Vedras, com a participação de Vítor Dias, do Conselho Nacional da URAP.

Já o livro «**Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo**», foi apresentado na Guarda a 28 de Abril, numa sessão realizada na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço. No dia 22 de Abril, Edgar Costa, do Conselho Nacional, apresentou-o em Pias, numa iniciativa que contou com o apoio da Junta de Freguesia, cujo presidente fez questão de comparecer.

Em Almada, no Auditório do Poder Local-Feijó, dia 28 de Março, Manuela Bernardino, do Conselho Nacional da URAP, apresentou essa obra, numa sessão organizada pelo núcleo de multimédia do agrupamento de escolas Francisco Simões, com o apoio da URAP e da Junta de Freguesia Laranjeiro-Feijó. No Seixal, dia 8 de Março, o livro foi apresentado por Francisco Braga, do Conselho Nacional da URAP, e pelas representantes



do MDM Corália Loureiro e Odete Santos na escola Manuel Cargaleiro.

Outra obra a suscitar a realização de sessões de apresentação foi «**Os Presos e as Prisões Políticas em Angra de Heroísmo**». Foi o que aconteceu no dia 21 de Abril na Biblioteca de Aljustrel, onde Edgar Costa e José Baguinho, do Conselho Nacional, falaram sobre a obra e estiveram presentes na inauguração da exposição da URAP sobre o 25 de Abril.

Em algumas iniciativas foram apresentados vários livros em simultâneo. Na Casa do Governador do Museu Marítimo de Sesimbra estiveram em debate no dia 26 de Março, os livros «Elas estiveram nas prisões do fascismo» e «Os Presos e as Prisões em Angra do Heroísmo». Carlos Mateus, membro do Conselho Directivo da URAP, falou na sessão.

Em Gouveia, José Pedro Soares apresentou, no auditório da Biblioteca Vergílio Ferreira, a 25 de Março, «Elas estiveram nas prisões do Fascismo», «Os presos e as prisões políticas de Angra do Heroísmo» e «Forte de Peniche memória resistência e luta», onde estiveram também presentes João Sampainho, do Conselho Directivo da URAP, e representantes da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia de Gouveia.

Em Beja, foram apresentados os livros «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo», «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra de Heroísmo» e «A Caminho do 25 de Abril - os 50 anos do III Congresso de Aveiro», em escolas do distrito.

## **Outros livros**

Ainda na colecção «Páginas de Memória», foi apresentado dia 25 de Abril na Câmara Municipal de Alenquer o livro editado pelo núcleo local da URAP, com o apoio da Câmara, «**Lutaram pela liberdade! - Breve história da luta de Alenquer contra a ditadura (1926 – 1974): Os presos políticos**».

Carlos Ademar, Carlos Areal, José Lourenço, Maria José Porém, Palmira Areal, Rosália Galvão e Vladimiro Matos são os autores da obra.

Também os livros «**Siempre Abril Sempre**» e «**Salgueiro Maia - Das Guerras em África à Revolução dos Cravos**» foram apresentados pelo autor, o historiador e antifascista estremenho Moisés Cayetano Rosado, numa sessão realizada a 5 de Maio na Casa do Alentejo, onde participou José Pedro Soares, coordenador da URAP, organização que promoveu as obras.

# *URAP realiza assembleia geral COM A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA CONSTRÓI-SE O FUTURO*

A URAP elegeu, dia 27 de Maio, Levy Baptista para presidente da Assembleia Geral; Álvaro Contreiras para presidente do Conselho Fiscal; Ana Pato, António Vilarigues, Carlos Mateus, César Roussado, João Neves, José Pedro Soares e Teresa Lopes para o Conselho Directivo; e os 84 membros do Conselho Nacional.

Numa Assembleia Geral ordinária realizada na Casa do Alentejo, em Lisboa, onde estiveram mais de cem pessoas, os sócios discutiram e aprovaram o Relatório das Contas, o balanço da actividade e o plano de actividades em sessão presidida por Levy Baptista, presidente.

Em seguida, e no mesmo dia, ocorreu uma Assembleia Geral extraordinária destinada à discussão e alteração dos Estatutos e do Regulamento do Funcionamento da organização.

De acordo com os Estatutos, o coordenador da URAP vai ser eleito na primeira reunião do Conselho Directivo.



## *Combater pelo que é justo*

A intervenção de abertura esteve a cargo de José Pedro Soares, coordenador da URAP, que destacou a intensa actividade da URAP no primeiro trimestre de 2023, nomeadamente em torno das comemorações dos 49 anos do 25 de Abril.

José Pedro Soares, que lembrou que a URAP existe desde 1976, sublinhou que esta empenha-se na defesa da memória histórica e também nas questões actuais com que o país se confronta, pondo em causa o trabalho do governo na defesa dos interesses da maioria do povo português, apesar de ter maioria absoluta.

Para o coordenador da URAP, existe um empobrecimento da democracia, para o que concorre a utilização de «casos» e «casinhos», distraindo as pessoas daquilo que é estruturante, o que cria terreno fértil para o avanço da extrema-direita, que a URAP combate, acompanhando o trabalho de organizações como o movimento sindical e o movimento da paz.

Referindo-se a aspectos de organização, o coordenador referiu que a URAP criou novos núcleos e conseguiu dar um carácter mais popular e alargado às suas acções, como se pôde ver nas comemorações dos 50 anos do III Congresso de Aveiro, na Marinha Grande, no trabalho editorial, nas sessões nas escolas, entre outros. Congratulou-se ainda com a eleição de jovens para os corpos sociais da URAP.

Depois de sublinhar que se preparam os 50 anos do 25 de Abril com um intenso combate ideológico por parte da direita liberal que tenta absorver as comemorações e deturpar o verdadeiro significado da revolução, José Pedro Soares lembrou a importância para a preservação da memória a inauguração, em 27 de Abril de 2014, do Museu de Resistência e Liberdade, em Peniche.

Para finalizar, prestou homenagem a dirigentes e activistas falecidos: António Regala, Vítor Zacarias, Anabela Carlos, Francisco Lobo, Américo Leal.

E a actuais companheiros de luta, como Maria José Ribeiro, Adelino Pereira da Silva, Hélder Madeira, Conceição Matos, Feliciano David, Diamantino Torres, António Borges Coelho.

Para analisar as questões internacionais usou da palavra Marília Villaverde Cabral, que destacou estarmos a assistir a uma nova arrumação de forças a nível mundial, à qual os Estados Unidos respondem com o regresso à lógica dos blocos.

Referiu ainda o conflito que se trava na Ucrânia, com os perigos para a paz mundial inerentes de uma guerra no seio da Europa, enquanto a União Europeia está cada vez mais neoliberal e ligada à NATO. Nomeou alguns países do mundo onde a guerra é uma constante, nomeadamente a Palestina, e outros onde permanecem conflitos sem resolução à vista, como o Saara Ocidental.

A vice-presidente da Assembleia Geral apelou ao empenho e participação



com três centenas de sessões durante quatro meses, visando contribuir para a formação cívica dos jovens, para a conservação da história e memória da resistência, da luta dos portugueses contra a opressão fascista, pela liberdade e a democracia.

Sublinhou que entre Fevereiro e Maio realizaram-se sessões em 82 escolas, de 21 concelhos do continente, abrangendo nove distritos, onde participaram mais de 12 mil alunos com a colaboração de 550 professores. Estas sessões efectuaram-se devido a parcerias entre a URAP e as diferentes instituições envolvidas.

### *Núcleos presentes e em força*

Representantes dos núcleos da URAP de: Vila Franca de Xira (Vitor Torres), Évora (Armando Silva), Peniche (João Neves), António Vilarigues (Viseu), Jaime Machado (Aveiro), Manuel Cardoso (Queluz), Pedro Pinheiro (Amadora), Teresa Lopes (Porto), Júlio Dias (Barreiro), José Marcelino (Loures/Odivelas), Montemor-o-Novo (Ana Paula Marmeleira), Joana Gonçalves (Lisboa), Eugénio Ruivo (Mafra) fizeram o balanço da sua actividade e perspectivaram 2023.

Os jovens sócios Matilde Lima, Diogo Vale e Duarte Martinho, estudantes universitários, referiram as suas preocupações com o empobrecimento da democracia a que hoje assistimos, nomeadamente até a própria democracia política e focaram as intervenções em aspectos concretos vividos na Universidade.

A segunda Assembleia Geral, extraordinária, destinada à alteração dos Estatutos, que decorreu na tarde de dia 27, na Casa do Alentejo, em Lisboa, aprovou por unanimidade o alargamento do número de pessoas nos órgãos da URAP e procedeu à correcção de alguns aspectos formais.



da URAP na luta pela paz, pelo desarmamento, pela cooperação internacional, princípios inscritos na Constituição da República Portuguesa.

### *URAP a crescer*

Em nome do Conselho Directivo, Carlos Mateus fez balanço da actividade e apresentou, pormenorizadamente, o plano de actividades da URAP a nível internacional e nacional, destacando o objectivo da constituição de mais dez núcleos e a inscrição de 250 sócios.

Álvaro Contreiras, presidente do Conselho Fiscal, apresentou as contas da URAP, referindo o peso da quotização, os gastos com rendas, com propaganda e o boletim; abordou ainda a campanha de fundos para a nova sede e propôs um voto de louvor.

Ana Pato, do Conselho Directivo, descreveu o trabalho de informação da URAP, nomeadamente o cumprimento

do objectivo da edição de quatro boletins anuais, as valências do site, e a presença da URAP nas redes sociais (observando dados estatísticos) e estabeleceu a meta de se chegar a outras, para além do Facebook.

A importância do envolvimento dos núcleos no trabalho de recolha e envio de informação para a produção de conteúdos foi valorizada por Ana Pato, que destacou o trabalho com a comunicação social, nomeadamente regional.

Manuela Bernardino, do Conselho Nacional, homenageou os membros fundadores da URAP e fez um balanço da actividade editorial da URAP, aludindo ao sucesso dos vários livros que levou a reedições. A oradora anunciou que o próximo livro da URAP, já no prelo, vai versar sobre os presos e a prisão de Caxias.

João Sampainho, do Conselho Directivo, a partir do balanço elaborado por Edgar Costa, fez a intervenção sobre o imenso trabalho da URAP nas escolas,

# «Alcindo», de Miguel Dores

«Não é a teimosia que nos faz não esquecer, é o que não pode voltar a acontecer e volta.»



Os fenómenos segregadores; a discriminação, o racismo e a xenofobia, que de forma implícita e explícita formatam o actual contexto social e que, em determinadas situações, redundam em violência, são fruto de sistemas económicos e políticos do passado, cujos efeitos ainda se fazem sentir de forma indelével nos nossos dias.

Os factores do passado, que ainda hoje continuam a ter influência no fenómeno racista, sustentam a construção do racismo na base da aparência física, da cor da pele. Isto serviu de base a um sistema de discriminação, acentuado durante o século XIX, com a falsa teoria da existência de uma hierarquização «natural» de raças e sociedades.

Esta teoria iria dar fundamento a uma nova vaga de expansão pós-abolocionismo, estruturada com base em trabalho forçado consubstanciado nos falsos contratos de trabalho e pelo Estatuto

do Indigenato. Seguiram-se igualmente os fenómenos resultantes das lutas anticoloniais de emancipação perpetradas pelos movimentos de libertação das então colónias portuguesas, que contou com a participação comunista.

Estes problemas, também, não são alheios aos posicionamentos das diversas forças políticas na Europa e no Mundo perante as diversas crises sistémicas do sistema capitalista, surgindo a grande burguesia sempre na ofensiva com o intuito de alargar a exploração, fazer os trabalhadores pagar a crise, liquidar os direitos e libertades, perigar os regimes democráticos recorrendo a sistemas fascizantes como forma de manter o domínio do grande capital, dos latifúndios e do imperialismo.

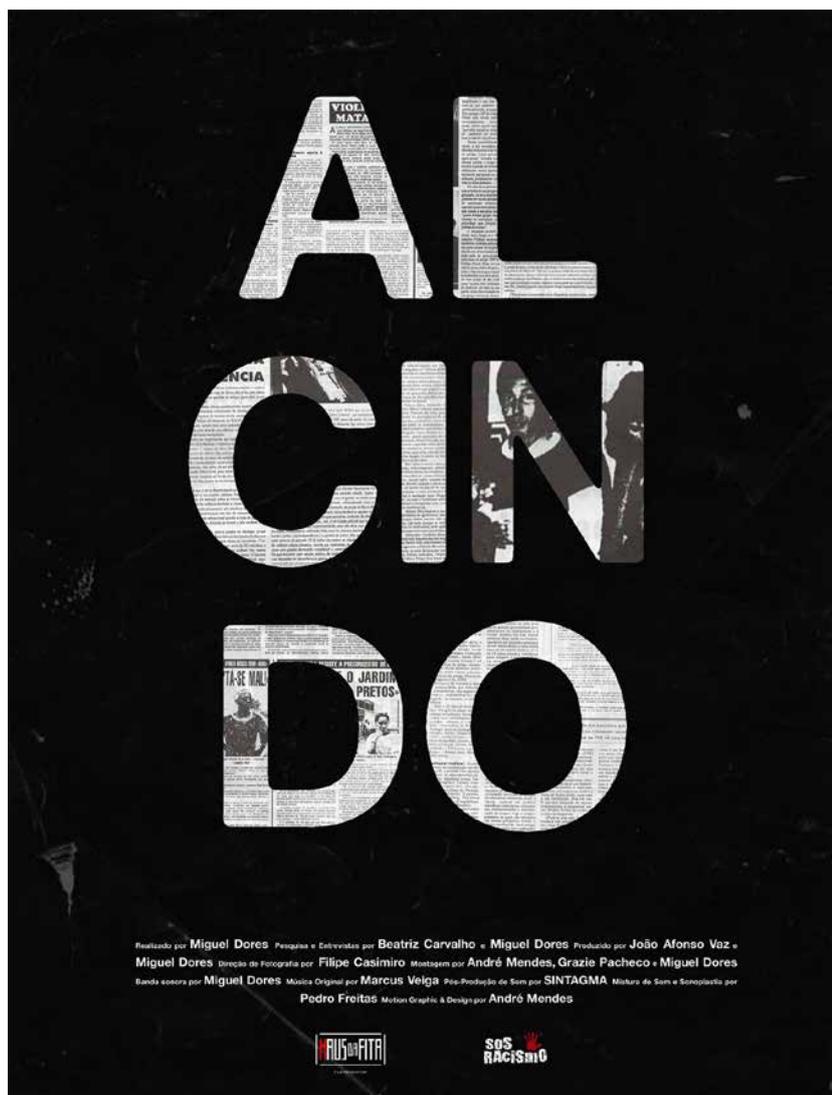
Assim, a Revolução do 25 de Abril de 1974 constituiu um marco histórico ao acabar com o fascismo e o colonialismo e ao permitir que, progressivamente, se

possam aprofundar as conquistas que conduzirão ao fim da exploração e à construção de uma terra sem amos.

## Abril, democracia e o que ficou por fazer

As lutas pelo avanço da democracia pela sua realização completa e integral, pela liberdade plena, pela evolução da humanidade que concretiza o seu potencial, fazendo parte integral da luta por uma sociedade sem exploradores nem explorados, constituem o fulcro da construção de uma sociedade mais justa, plural, fundamentada na igualdade, na paz e no respeito entre os seus cidadãos.

A união de quem trabalha ou trabalhou, o povo unido, significa a função de pessoas diversas, de diversos sectores profissionais e lugares, em diferentes vínculos laborais e níveis de formação,



incluindo até quem está desempregado, congrega membros de várias camadas sociais que têm objectivamente interesses coincidentes, e dos imigrantes.

As lutas contra o racismo e a xenofobia e todas as formas de discriminação e violência, em particular as que são exercidas sobre as mulheres e a população imigrante são combates por direitos democráticos que têm especial relevância no mundo do trabalho. Estas lutas destroem bloqueios, fortalecem as acções de massas, ampliam a solidariedade fraternal entre trabalhadores.

Em determinados estudos levados a cabo em Portugal e noutros países europeus, tem-se verificado que o racismo e o preconceito estão na base de comportamentos discriminatórios, agressões ou insultos desumanizantes. Contudo, também se verificou que essas discriminações não são percebidas como fruto de racismo ou do preconceito, mas como um resultado do sentimento de ameaça e, consequentemente, como reacção de defesa «legítima».

Apesar das vitórias já alcançadas no combate a este flagelo, é com base nesta âncora da legitimação que o racismo perdura na estrutura social e no senso comum, amortecendo as consciências face à tomada de medidas com a profundidade que o momento reclama.

Reforçando estes perigos, constata-se que a extrema-direita muitas das vezes aparece travestida de «pessoa de boas maneiras», promovida pela imprensa reaccionária, a coberto de uma legislação inadequada de oposição a esses fenómenos. Serve-se de uma forma hábil das redes sociais, amplia os seus tentáculos fazendo proliferar diversas organizações com o mesmo objetivo fascizante.

### Documento fundamental

É, pois, neste contexto que o documentário «Alcindo» vem cumprir um papel fundamental. Ele convida nos a olharmo-nos ao espelho e enxergar a realidade nua e crua, tal como se nos apresenta no dia a dia. Já de nada vale

tapar o sol com uma peneira, disfarçar o indisfarçável ou não assumirmos a nossa quota parte da responsabilidade na indiferença face a fenómenos de discriminação.

O documentário facilita-nos a visão de um Portugal a necessitar de claras medidas legislativas de combate aos fenómenos racistas, da eliminação dos factores de discriminação existentes no mundo laboral, a formação das forças policiais face a um país de forte imigração, no ensino, na desintoxicação da opinião pública, na reposição da verdade histórica entre o povo português e os povos tornados independentes. Na constituição de uma verdadeira frente unida contra o racismo.

O documentário «Alcindo», ao fazer uma sùmula dos fenómenos racistas ocorridos desde os anos 90 e debruçando-se com maior acuidade no acontecimento de maior gravidade, relacionado com a agressão de 11 cidadãos portugueses em 10 de Junho de 1995, expôs toda a fragilidade de um sistema herdado do luso-tropicalismo e que se dizia ser incólome a fenómenos racistas. Tornou evidente a necessidade de lutar contra o fenómeno racista, que só resultará desde que estendida a toda a população e instituições.

Perante toda a inacção de um país, que ressalta da sua narrativa, o realizador expressa a sua perplexidade perante este crime hediondo, que «não é a teimosia que nos faz não esquecer, é o que não pode voltar a acontecer e volta».

Voltou com, entre outros, Bruno Candé, Giovani Rodrigues, Wilson Neto, Ihor Homeniuk, António Pereira, Elson Sanches, Musso.

Por fim, este documentário colocando numa bandeja alguns dos fatores atrás referidos, permite-nos avistar a floresta, explicitar as fragilidades, vislumbrar alguns dos mecanismos de legitimação, e equacionar algumas formas de os atenuar. Afirmar todos os dias fascismo e racismo nunca mais!

**Pedro Santarém**

Dirigente da Frente Anti-Racista

# URAP com a luta anti-racista



A URAP associou-se à acção da Frente Anti-Racista (FAR), do passado 10 de Junho, de «luta e homenagem às vítimas de racismo e xenofobia em Portugal», realizada em Lisboa. Na ocasião, recordou-se o assassinato de Alcindo Monteiro, em 1995, por um grupo de nazi-fascistas, bem como outras vítimas mortais do racismo e da xenofobia.

A FAR denuncia a utilização do racismo e da xenofobia como «arma de dominação, opressão e violência sistemática em diversos contextos sociais». E reafirma que «todas as pessoas devem ter o direito a uma vida digna. Impõe-se cumprir os direitos inscritos na nossa Constituição».

Já a luta contra as ideias e práticas racistas e xenófobas, onde quer que

se manifestem, é de todas as pessoas que «enfrentam as consequências da discriminação racial, da xenofobia e do apartheid», mas também de todos os que, em Portugal e no mundo, «pugnem por uma sociedade mais evoluída, mais justa, mais solidária, contra as injustiças, discriminações, desigualdades e contra a guerra».

## Parar a guerra! Dar uma oportunidade à paz!

Já após o fecho desta edição, realizaram-se a 15, 16 e 17 de Junho, concentrações em defesa da paz em cinco cidades do País: Lisboa, Porto, Coimbra, Faro e Funchal. Respondendo ao apelo lançado pelo CPPC, várias organizações, incluindo a URAP, mobilizaram-se para exigir o fim da confrontação e da guerra (na Palestina, no Sara Ocidental, na Síria, no Iémen, no Sudão ou na Ucrânia), da escalada belicista e das sanções, que «atingem as condições de vida dos trabalhadores e das populações».

Defendeu-se ainda o respeito pelos princípios da Carta das Nações Unidas e da Acta Final da Conferência de Helsínquia, caminho para assegurar os direitos dos povos, a paz, a segurança e a cooperação. Do Governo português exigiram que não contribua para o agravamento do conflito e do militarismo, antes cumpra os princípios da Constituição da República Portuguesa.



## Contra o Museu Salazar

Um conjunto de antifascistas, democratas e patriotas da região das Beiras tomou posição, no dia 31 de Maio, contra a intenção da Câmara Municipal de Santa Comba Dão de inaugurar em breve um «Museu Salazar», sob o nome de Centro Interpretativo, na antiga Escola-Cantina Salazar, no Vimieiro, freguesia onde nasceu o ditador.

As primeiras assinaturas do documento são de dirigentes da URAP, da CGTP, economistas, artistas, professores, médicos, e ex-presos políticos, nomeadamente, que condenam mais uma vez a abertura de um local de branqueamento e exaltação do fascismo. Nele recorda-se que a Constituição da República Portuguesa proíbe as «organizações que perfilhem a ideologia fascista», definidas pela lei como as que

mostrem pretender «difundir ou difundir efectivamente os valores, os princípios, os expoentes, as instituições e os métodos característicos dos regimes fascistas».

Derrotadas que foram as duas tentativas anteriores de avançar com o projecto, os subscritores consideram que, perante esta nova investida, «este objectivo deve ser definitivamente travado e abandonado».

[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](http://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)